

MANUEL FERRO ●

**O PORTENTOSO INFANTE
“CONSTANTE, SÁBIO, JUSTO E VALOROSO”:
REPRESENTAÇÕES DE D. HENRIQUE
NA TRADIÇÃO ÉPICA PORTUGUESA
DO BARROCO E NEOCLASSICISMO**

LISBOA
2 0 1 1

**O PORTENTOSO INFANTE
“CONSTANTE, SÁBIO, JUSTO E VALOROSO”:
REPRESENTAÇÕES DE D. HENRIQUE
NA TRADIÇÃO ÉPICA PORTUGUESA
DO BARROCO E NEOCLASSICISMO**

MANUEL FERRO

Universidade de Coimbra

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

Quando Camões compôs *Os Lusíadas*, já o Infante D. Henrique pertencia ao panteão dos heróis nacionais. Essa aceitação incontestada da sua dimensão heróica deve-se naturalmente ao reconhecimento da sua acção na empresa dos descobrimentos marítimos, enquanto impulsionador de uma dinâmica que se tornou um projecto da Nação. Tal facto, porém, não levou a esquecer a vertente da imagem do Infante guerreiro, combatente no Norte de África, conquistador de Ceuta, Comandante da empresa que tinha como fim a tomada de Tânger, cavaleiro armado ainda segundo os rituais da cavalaria medieval, em que ao valor da força das armas se associa igualmente uma profunda vertente espiritual, imbuída de um espírito cristão significativo. A historiografia medieval e renascentista havia reconhecido o alcance dos seus esforços e dera-lhe, por isso, a devida relevância, iniciando um processo de mitificação do Infante, a ponto de o transfigurar e o elevar à condição dos heróis, na senda de autores como Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara, Rui de Pina, e depois, Garcia de Resende, Cristóvão Rodrigues Acenheiro, João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar Correia, Duarte Pacheco Pereira, Diogo do Couto, Damião de Góis, D. Jerónimo Osório, António Galvão e António de Castilho¹. No entanto, não deixa de ter algum significado o facto de Camões ainda remeter para D. João I o impulso inicial das viagens marítimas, depois de este monarca ter consolidado a independência nacional face a Castela (“E assi, não tendo a quem vencer na terra, / Vai cometer as ondas do Oceano.” Camões, 1989, IV, 48, 3-4). De forma poética, as caravelas transfiguram-se então em novas aves,

¹ Sobre o tratamento da figura do Infante pelos autores acima enumerados, consulte-se Serrão, 1994, pp. 32-37.

quais gaivotas em voo rastejante sobre as águas argêntas do Oceano, que abrem novas dimensões ao estreito Reino Lusitano:

“49

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tethys inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Para onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

50

Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas para defesa dos Lusitanos
Deixou, quem o levou quem governasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Ínclita geração, altos Infantes.”

(Camões, 1989, IV, 49-50)

É no Canto IV, quando Vasco da Gama faz o longo relato ao Rei de Melinde e narra a História de Portugal, alinhando os reis e apontando os feitos que os distinguiram, que o Poeta trata de D. João I. Depois do episódio da batalha de Aljubarrota (Camões, 1989, IV, 28-44), o desbravamento dos mares aparece ainda como um acto de iniciativa régia, tão importante quanto a tomada de Ceuta, e por conseguinte, submetido ao mesmo intento de expansão do território, ou pelo menos a par dele em termos de alcance e transcendência, fazendo deste monarca o primeiro rei que “vai cometer as ondas do Oceano” e “se desterra / da Pátria, por fazer que o Africano / conheça, polas armas, quanto excede / a Lei de Cristo à Lei de Mafamede.” (Camões, 1989, IV, 48, 4-8). Além do mais, bafejado pela sorte, conta com uma descendência que lhe honra a memória e é continuadora dos projectos por si lançados – a “Ínclita geração, altos Infantes” (Camões, IV, 50, 8). Entre eles distingue-se naturalmente, além de D. Duarte, D. Pedro e D. João, o Infante D. Henrique, cujo valor o poeta acaba por reconhecer mais adiante, no início do Canto V, quando Vasco da Gama faz o relato a sua própria viagem e discorre sobre o contributo de Henrique para as viagens marítimas:

"4

Assi fomos abrindo aqueles mares,
 Que geração alguma não abriu,
 As novas Ilhas vendo e os novos ares
 Que o generoso Henrique descobriu; [...]"

(Camões, 1989, V, 4, 1-4)

bem como, no Canto VIII, quando Paulo da Gama satisfaz o pedido do Catual e lhe narra a história dos varões ilustres da nação, explicando o significado das figuras contidas em diferentes bandeiras. Embora redimensionado a par dos restantes irmãos e respectivos feitos, nestes dois passos já se evidencia a importância que teve para as viagens de descoberta oceânica, não sendo esquecida a vertente cavaleiresca de combatente e homem de armas, orientado pelos ideais de exaltação da glória do Reino e de expansão da Fé:

"37

"Olha cá dois infantes, Pedro e Henrique,
 Progénie generosa de Joane:
 Aquele faz que fama ilustre fique
 Dele em Germânia, com que a morte engane;
 Este, que ela nos mares o publique
 Por seu descobridor, e desengane
 De Ceita a Maura tímida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade."

(Camões, 1989, VIII, 37)

Com este passo, acaba-se por se transpor a fronteira da transfiguração épica do herói. Não admira, assim, que outros poemas, na esteira de Camões, aproveitassem a sugestão e agora enriquecessem a figura henriquina, incidindo particularmente sobre as suas iniciativas e façanhas cometidas à sua guarda.

Neste sentido, para além das breves alusões n'Os *Lusíadas*, acima referidas, poemas como o *Afonso Africano* (1611), de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco, a *Insulana* (1635), de Manuel Tomaz, a *Ulisseia* (1636), de Gabriel Pereira de Castro, a *Joaneida ou a liberdade de Portugal defendida pelo Senhor Rei D. João I* (1782), de José Correia de Melo e Brito d'Alvim Pinto, a *Zargueida* (1806), de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, ou o *Gama* (1811) e o *Oriente* (1814), de José Agostinho de Macedo, integram o *corpus*, cuja análise da representação da figura do Infante permite compreender o contributo da epopeia clássica para a exaltação da

obra e do legado do Infante de Sagres, bem como para a configuração do mito henriquino ao longo desse longo período.

Compreende-se, no entanto, que a produção épica acompanhe e se escude, necessariamente, no filão de reconhecido mérito do registo historiográfico, ou afim, sobre quanto sobre o Infante vinha sendo afirmado e produzido, muito particularmente nesse contexto de crise política, em que a independência nacional se havia perdido, e urgia alimentar o espírito de autonomia, recordando vultos e feitos ilustres da Pátria. Salientam-se, então, nesse contexto, nomes como Pedro de Mariz, Frei Luís de Sousa, D. Francisco Manuel de Melo, Manuel de Faria e Sousa, ou já depois, no século seguinte, José Soares da Silva, D. António Caetano de Sousa e Cândido Lusitano, na única biografia que lhe foi consagrada no período aqui privilegiado, pretendendo que fosse reconhecido o devido valor a este príncipe, já que nos autores atrás referenciados é a sua faceta de guerreiro que aparece sobremaneira valorizada, em detrimento da de responsável pela abertura do Atlântico à Coroa Portuguesa².

Assim, logo no Canto I da *Insulana*, Manuel Tomaz³, após as partes canónicas do poema épico – a Proposição, a Invocação, desta vez à Virgem, e a dedicatória a João Gonçalves da Câmara, Conde de Vila Nova da Calheta e Capitão-Mor da gente de guerra da Ilha da Madeira –, projecta a narração com a indicação das coordenadas cronotópicas relacionadas com a matéria épica. Delineia a descrição geográfica da Europa, para se centrar na Lusitânia e propõe-se exaltar as virtudes da população do Reino, eminente pela fidelidade à religião, heroicidade e pela erudição. As riquezas da nação, quer em termos agrícolas, quer de produção mineira ou criação animal justificam depois o florescimento do artesanato e da indústria, sobretudo a têxtil, e fundamentam a magnificência da Casa Real e da Monarquia, muito particularmente da Dinastia de Avis. Pelo facto, sobressai deste panorama

² Cf. Serrão, 1994, pp. 37-39.

³ Manuel Tomaz nasceu em Guimarães, possivelmente em 1585. Passou quase toda a sua vida na Ilha da Madeira, onde veio a falecer em circunstâncias dramáticas, em 1665, aos 80 anos de idade. Da sua produção literária constam três poemas épicos – o *Poema del Angelico Doctor Sancto Thomás* (1626), a *Insulana* (1635) e o *Phenix da Lusitania* (1649) –, a *União sacramental* (1650), obra destinada a celebrar o mistério da Eucaristia, além de obras líricas de menos importância: as *Rimas sacras, dedicadas a todos os sanctos* (1635), o *Thesouro de virtudes* (1661), que inclui vinte e um romances, e as *Décimas a um peccador arrependido*, todas elas compostas de acordo com o gosto gongórico.

Sobre a sua biografia e produção literária, consulte-se Silva, Tomo VII, 1854, pp. 59-83, e Ferro, 2004, pp. 287-293.

a figura de D. João I, muito particularmente glorificado em virtude da afirmação da independência nacional face a Castela (aspecto fundamental para o período em que o poema foi composto) e pela expansão do território, mediante a conquista de praças-fortes no Norte de África. Bafejado pelas graças da divindade, fora igualmente favorecido com o nascimento de uma prole notável a todos os títulos, a “Ínclita Geração”, actuando o poeta, aliás, à imitação de Camões:

“60

Teve do Céu por dom supremo, e raro
Três filhos dignos da Real grandeza
Que nas virtudes o divino amparo
Igual mérito deve à tal Alteza,
Foi um com o ceptro nos juízos claro
Das heróicas conquistas, em a empresa
Voto fez ao segundo, e o Céu Empíreo,
Deu a palma ao terceiro do Martírio.”

(Tomaz, 1635, I, 60, p. 21)

Sonegando a figura do Duque de Coimbra, D. Pedro, o das sete partidas, valoriza em contraponto a do Infante D. Henrique, vulto destacado neste contexto, pela importância empreendedora no projecto da descoberta da Madeira, aqui celebrado.

“61

O Segundo que Henrique se dizia
Da cobiça, da honra estimulado,
Que na virtude novo esforço cria
E no peito valor mais realçado
Com brio português cuja ousadia,
Sempre o ânimo fez deliberado,
A Tânger cercou, na África ardente
Com mais valor, que com poder de gente.

62

Teve Tânger que com força resistência,
E assim foi no princípio defendida,
Até ser com poder de mais potência
De Fez e Tafilote socorrida,
Com tanta multidão, com tal violência,
Que os de Luso na empresa pretendida,
Tendo cercado a uns foram cercados
Por duzentos mil Mouros esforçados.

63

Entrou com seu açoute aqui Belona
 E Marte seu irmão, com arrogância,
 Ela porque com ele mais se abona
 E ele por alcançar maior jactância
 O Africano adusto já blasona
 Em seus intentos pondo mais instância
 Que a multidão de tanto Ismaelita,
 A vitória que quer lhe facilita.

64

Porém o Céu que está sempre propício
 Para ajudar aos justos, que chamando
 Estão de seu favor o benefício,
 E o remédio do bem dele esperando,
 Usou no mor rigor, do pio ofício,
 Vários a seus fiéis remédios dando,
 Com que mais no rigor aqui de Marte,
 Lhes valeu diligência, indústria e arte."

(Tomaz, 1635, I, 61-64, pp. 21-22)

Esse valimento do Divino traduz-se no merecimento, audácia, magnanimidade, préstimo e fidelidade de um vassalo que el-rei lhe havia legado: João Gonçalves Zarco, cavaleiro destinado a futuras empresas de aventura inaudita, como a da descoberta do Arquipélago. Por consequência, não admira que seja apresentado tão dedicado ao Infante:

"[...] Dado por ele a Henrique em grau primeiro
 Para que em seus intentos o ajudara,
 Com Braço com valor, e com Prudência,
 Com Indústria, Conselho, e Experiência."

(Tomaz, 1635, I, 22, 5-8, p. 8)

Tendo em conta a veneração que manifestava pelo Infante, adianta-se o relato da tentativa da conquista da praça de Tânger, onde, ao serviço dos Príncipes de Avis, Gonçalves Zarco dá provas de coragem e ousadia.

"66

Seguindo nesta empresa o caro Infante
 Que amava mais que a si, e a quem servia,
 Vendo que com exército pujante
 O cercara o poder de Berbéria,
 Com o valor que um ânimo constante,

Nos bravos corações engendra, e cria,
Um Forte fez, e nele trincheirado
Aparelha à defesa o braço ousado.

68

Assim aqui a Henrique lhe acontece,
Pois quando mais aflito se julgava,
O Céu ao forte Zargo lhe oferece
Que com valor, e indústria o ajudava,
E de maneira o Forte fortalece
E dele, com indústria pelejava,
Que da glória que aqui levou de Marte,
Alcançou Libitina a maior parte.

(Tomaz, 1635, I, 66 e 68, p. 23)

A glória em campo de batalha e o brio demonstrado entre as hostes lusitanas, levou-o igualmente a combater um xeique de nome Zargo, de quem adoptou o nome, e cujo episódio ali se insere, que se contrapõe, por sua vez, a outra versão resultante de um seta voadora que o cega e o priva de um dos olhos. Regressa ao bulfício do combate e refere-se sumariamente o desenlace fatídico para os portugueses, com o cativo do Infante D. Fernando enquanto a praça de Ceuta não fosse igualmente restituída. E o Capitão volta, uma vez mais, a dar provas do seu valor no momento do embarque de D. Henrique e das tropas lusas:

“74

Contudo, ao embarcar do forte Henrique
Foi no perigo o transe, e penas largo
Da multidão que é bem se signifique
Cujo ímpeto deteve o nobre Zargo,
E porque eterna glória, e nome fique
Dos Mouros que em defesa teve o cargo,
Digo que do Antártico, a Calisto
Tal poder num varão nunca foi visto.”

(Tomaz, 1635, I, 74, p. 25)

No rescaldo da refrega, com valor sublime, o fio da sua espada corta vidas e decepa braços entre as forças infiéis que o cercavam, a fim de proteger a retirada do seu mentor. Tal exemplo como novo Marte havia de orientar posteriormente na defesa da costa, sendo nomeado pelo monarca “capitão supremo do Oceano” (Tomaz, 1635, I, 78, 4, p. 27) e obrigado a intervir em recontros frequentes, quer contra Castelhanos, quer contra

Muçulmanos. É nessas funções que um dia aborda uma fusta com prisioneiros cristãos castelhanos foragidos do Norte de África e cuja história pregressa é narrada por João de Amores, que nela seguia como piloto. Entre as múltiplas aventuras que este aponta, aflora o encontro que tinha tido com um grupo de anglicanos que falavam de uma ilha de maravilhas mil por eles encontrada no meio do mar oceano. Ao mesmo tempo, Amores disponibiliza-se de imediato para confirmar a veracidade dos factos narrados – contidos na lenda de Machim e Ana de Harfet, que ele reproduz –, invocando a sua longa experiência em viagens marítimas. Considerando a importância dos dados enumerados, Zarco conduz o piloto João à presença do Infante:

“158

Ali desembarcaram, que esperado
 O Zargo estava já, de Henrique Infante
 Magno conquistador depois chamado,
 Pelas conquistas em que foi triunfante,
 O qual sendo dos dois presto informado
 Por ir em seus intentos por diante
 A seu Rei os mandou, com diligência,
 Dar na Magna Ulisseia obediência.

159

Mas como do poder supremo, e régio
 Esperava o favor para esta empresa,
 Posto que em tudo foi alto, e egrégio
 Partiu por terra a ver do Rei a Alteza,
 Dele alcançou com largo privilégio,
 Que este descobrimento que mais preza
 Tomasse por sublime, em tudo a cargo
 O Jazão novo, o grão Capitão Zargo.”

(Tomaz, 1635, II, 158-159, pp. 93-94)

A partir deste momento no poema, a figura de D. Henrique vai cedendo progressivamente o protagonismo a João Gonçalves Zarco, que é, sem dúvida, o herói da epopeia, se bem que se reconheça ser o ditoso Príncipe o motor da empresa dos descobrimentos e a ele se deva reconduzir a dinâmica alcançada, bem como os resultados obtidos. Todavia, neste preciso ponto da narração, encontramos-nos ainda perante os prolegómenos da acção. Só o Capitão tem conhecimento do assunto em causa, pelo que urgia pôr el-Rei e D. Henrique a par da situação, tornando-se necessário ir ao seu encontro, para que merecessem da parte de ambos todo o reconhecimento e autorização para que ele e os seus pudessem actuar:

"2

Foram do Augusto Rei por ela [a empresa] honrados,
Com favores bem dignos de alta estima,
Que destes, nobres peitos incitados
A casos árduos, cada qual se anima;
Foram também do Infante, estimulados
Sendo ele desta glória, a glória prima,
Que quem princípio dá, a empresa honrosa
A parte dela leva mais gloriosa.

3

Mas como a honra é da virtude o prémio
E das obras heróicas própria, a fama,
O grão Capitão Zargo entrou no grémio
Das que o altivo Henrique, estima, e ama,
Foi desta obra o principal proémio
Do zelo desta empresa, a maior flama,
Medos vencendo, e traz receios tantos
Mil montes de impossíveis, e de espantos.

4

Com ele toda a gente preparada
E as palmas cada qual à melhor sorte
Com o Pão que é dos Anjos, alentada,
Com quem se alcança o bem da Empírea Corte.
Nas Naus, e Barinel foi embarcada
Sem temer de imatura ver a morte,
Que anda sempre ós olhos atrevida
De quem mal de Neptuno fia a vida."

(Tomaz, 1635, III, 2-4, pp. 99-100)

Assim, foram envidados todos os esforços com os preparativos da viagem que deveria seguir em demanda da ilha com o beneplácito régio, o apoio incondicional do Infante e o conforto espiritual necessário para quem se presta a enfrentar o desconhecido. Na viagem, durante a noite, tem lugar o sonho da profecia, episódio do foro do maravilhoso, no qual aparece ao Capitão uma figura feminina, alegoria da ilha que anuncia o feliz sucesso da descoberta, os feitos heróicos a praticar e o ambiente paradisíaco a encontrar – factos que se confirmam na realidade no Canto seguinte do poema. Concluída essa sequência, torna-se mais do que oportuno enviar a notícia ao Reino, mas de modo particular àqueles que mais se empenharam para que este empreendimento fosse bem sucedido, o Monarca e o Infante.

"35

Com a glória de seu descobrimento
 Tornarás à Cidade que no Mundo
 Com ser da Europa Empório e Régio assento
 O nome tem de Ulisses o facundo,
 Onde verás em teu recebimento
 O zelo do supremo Rei, profundo,
 O do Infante, e do povo, engrandecidos
 Sacrificando a Deus agradecidos.

36

Solenes procissões, Coros diversos
 De músicas em canto extraordinárias,
 Arcos insígnies, elegantes versos,
 Altares sacros, com invenções várias,
 Com salitrados raios nada adversos,
 Claras e artificiosas luminárias,
 Touros, máscaras, danças e folias,
 E nos povos diversas alegrias.

37

Verás não só um Reino dilatar-se
 Tua memória insigne engrandecida
 Mas por Europa, vir a divulgar-se,
 E ser em todo o Orbe conhecida,
 Com esta glória, para mais honrar-se
 A tua volta, em breve apercebida,
 Será do Rei, e Generoso Infante,
 De quem é bem que a fama heróica cante.

38

A povoar esta ditosa Terra,
 Hás-de trazer em tua companhia
 Dois Apolos na paz, Martes na guerra
 Em esforço, em valor, em cortesia,
 Um Perestrela insigne, em quem se encerra
 Com valor alto, ilustre fidalguia,
 Por Capitão virá do Porto Santo
 Onde há-de ser, em o governo espanto."

(Tomaz, 1635, V, 35-38, pp. 199-200)

Com o efeito de tal sucesso, considerado como o início de um projecto político que acabaria por servir de base à construção de um império, Lisboa passaria a ser, além de "Régio assento", também "da Europa Empório".

Acções de graças são dadas, festividades têm lugar, mas enquanto tudo isso ocorre, D. Henrique, consciente e hábil homem de Estado, toma medidas no sentido de promover, de imediato, a colonização das novas terras encontradas e patrocinar o incremento da sua riqueza, com recurso a uma agricultura rentável, baseada na plantação da cana-de-açúcar, trazida da Sicília:

“114

O generoso Infante que procura
Fazer a nova Terra mais famosa,
Por canas mandará para a cultura
À Ilha da Sicília venturosa,
Canas, que o rico Açúcar com doçura
Darão, que sendo ambrósia preciosa
Será por ser do Mundo a mais prezada,
De Júpiter e Juno desejada.”

(Tomaz, 1635, V, 114, p. 226)

Mas também o trigo fará da Ilha uma nova fonte de riqueza, já que os celeiros do Norte de África tardavam em abastecer satisfatoriamente os mercados nacionais:

“120

O louro trigo em que será abundante,
Para haver nos princípios, de gastar-se,
Para vós mesmos, por Henrique Infante
De quatro a oito réis, fará comprar-se,
Nela depois Lieu sendo triunfante,
Virá dos frutos seus a melhorar-se,
Cobrando na bondade tal jactância,
Como gloriosa fama na abundância.”

(Tomaz, 1635, V, 120, p. 228)

E será devido a uma política racionalmente programada e bem consolidada que a Madeira alcança o esplendor que, de seguida, é anunciado, no Canto V, na profecia desta vez a cargo do velho do Templo, outra alegoria que representa o próprio Tempo. Aí são enumerados os varões insulares e a própria descendência de Zarco, começando pelo próprio, que, numa projecção especular se autocontempla, com a consciência de que aquela é a imagem que perdurará de si próprio para a posteridade. E a familiaridade com D. Henrique, bem como as estreitas relações de amizade e fidelidade que os unem, são um factor de valorização e ilustração do seu próprio nome:

"9

A educação famosa em que criado,
 Se viu ditoso, com Henrique Infante
 Só pelo régio Amor, com favor dado
 E por ser tanto em armas vigilante
 Verás neste painel, e retratado
 Seu valor nos conselhos importante,
 Velho mancebo, com real prudência,
 Que antes do tempo gozou de experiência.

10

Por esta, na jornada tingitana
 Do forte Henrique, e de Fernando Santo,
 Aqui de Agar os netos desengana
 Sendo do militar esforço espanto,
 Brio de seu valor heróico mana,
 Com que nos Africanos cresce o pranto,
 De quem a fama já em régia pompa,
 Divulga glórias, com sonora trompa."

(Tomaz, 1635, VI, 9-10, p. 235)

O trato com o Infante confere a Zarco o perfil de um *puer senex* da tradição clássica e a participação na tentativa frustrada da conquista de Tânger ao lado do Infante evidencia traços complementares do seu carácter, como a coragem, a confiança no Divino, a capacidade de resistência ao cansaço, a sua visão estratégica, ou a agressividade e ousadia em campo de batalha. Assim, aí contempla igualmente a sua intervenção na cena da tomada da cidadela e a sua acção na retirada das forças vencidas, particularmente visando a protecção do seu Senhor, o Infante:

"18

Neste quadro em que vêes que a força cresce,
 Mostra que como Répora a suspende,
 Pois quantos o furor mais lhe oferece,
 Com talhos e revezes, corta e fende
 Té que de Febo a luz desaparece,
 E Henrique em se embarcar com vida emprende
 Deixando o Santo Irmão preso e cativo
 Se morto ao Mundo, bem para Deus vivo."

(Tomaz, 1635, VI, 18, p. 238)

Reconhecidos o seu valor e a sua acção, é feito Capitão-de-Mar-e-Guerra, com a função de defender muito especificamente a costa algarvia.

E a última alusão ao Infante surge um pouco adiante, inserida na mesma sequência do episódio analisado, que, sendo uma prolepse, paradoxalmente recua o suficiente para fazer deste excerto uma analepsé dos feitos de Zarco, antes de se projectar no futuro, remetendo para a descoberta da Madeira, facto acabado de concretizar, mas ali já inserido na cadeia dos acontecimentos do Tempo passado, que perdurarão na memória da Humanidade:

“30

Vês que de seu Rei favorecido,
E de Henrique famoso estimulado
Pelos aquóreos campos atrevido
Caminho vai abrindo nunca usado,
E à vista do temor mais conhecido,
Por sábio se mostrar mais deliberado,
Descobre a Ilha, ao sair da Aurora
Próprio Jardim de Zéfiro e de Flora.”

(Tomaz, 1635, VI, 30, p. 242)

É com esta visão de um mundo edénico que se conclui a série de referências a Henrique Infante na *Insulana*, de Manuel Tomás, e o poema acaba por se encerrar com uma apoteose da natureza, dos heróis e vultos notáveis locais, e até com amplas referências à vivência religiosa dos habitantes da Madeira.

Sobre o mesmo feito – sempre a descoberta da Madeira –, compôs-se, depois, em 1806, *Zargueida*, de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos⁴.

⁴ Francisco de Paula Medina e Vasconcelos nasceu na Ilha da Madeira, na cidade do Funchal, em 1768. Aos vinte anos de idade veio para o Continente, a fim de frequentar a Universidade de Coimbra, onde, na realidade, se matriculou. Preso por crimes, de que sempre se confessou inocente, foi solto ano e meio depois e expulso da Universidade. Em 1793 já se encontra na Madeira a desempenhar as funções de Tabelião público de notas da cidade do Funchal. Depois de várias viagens ao Continente, foi perseguido e preso em 1823, desta vez acusado de partidário de ideias constitucionistas. Degredado para Cabo Verde, pouco tempo sobreviveu, tendo falecido na Ilha de S. Tiago, em 1824. Da sua produção literária, além dos volumes de *Poesias líricas* (1793 e 1797), incluindo sonetos, odes, epístolas, idílios, quadras e motes glosados, legou-nos umas *Sextinas elegíacas ao memorável estrago da cidade do Funchal* (1805) e uma *Elegia à deplorável morte do grande e incomparável Manuel Maria de Barbosa du Bocage* (1806), além de outros poemas que ficaram dispersos. As suas experiências de maior fôlego, muito embora não muito conseguidas, são dois poemas épicos: *Zargueida*, *Descobrimento da Ilha da Madeira* (1806) e *Georgeida* (1819).

Sobre a vida dramática deste poeta, veja-se Azevedo, 1857 e, sobre a sua poética, Ferro, 2004, pp. 579-582.

O longo espaço de tempo que medeia entre os dois poemas sobre o mesmo assunto seria suficiente para se poderem tecer considerações acerca da evolução entretanto verificada no tratamento da figura do Infante. A adjectivação é ampliada, enriquecida e diversificada, apontando para dimensões que antes não eram até consideradas. Basta a estância 10 do Canto I para> que seja possível ver a acumulação de adjectivos que servem para evidenciar a multiplicidade de aspectos que fazem do Infante um herói de excepção no panteão das entidades veneráveis:

“X

O Infante Henrique, Santo Herói Famoso,
De quem ainda se adoram as proezas,
Constante, Sábio, Justo e Valoroso
Meditava grandíssimas empresas:
De amontoar conquistas cobiçoso,
Indo após de arriscadas incertezas,
Por vias pelos Lusos nunca abertas,
Tentava não tentadas Descobertas.”

(Vasconcelos, 1806, I, 10, p. 4)

Por conseguinte, ao longo da narração torna-se transparente a veneração com que os restantes navegadores, particularmente aqueles que privam com o Infante, o tratam, a ponto de o espaço por ele eleito para desenvolver a sua actividade, a mítica vila de Sagres, assumir os traços de um santuário, desta vez consagrado ao conhecimento e à ciência, e o promontório de S. Vicente contar com a protecção do Santo, cujas relíquias ali tinham vindo dar à costa:

“II

Salta ao convés o Capitão contente,
E conhecendo bem do Algarve a costa,
“É Terra, (disse), é Terra certamente
Aquela sombra, que no mar se encosta:
O Promontório é de S. Vicente,
Onde a Vila de Sagres está posta,
Vila, que o Grande Henrique edificara
Para ali cultivar Ciência rara.

III

É dali, que lançando sobre os mares
Suas vistas, subtis, pesquisadoras,
Tenta Descobrimientos singulares,
E tenta Empresas mil conquistadoras:

É dali que entre Estudos exemplares
De sublimes ideias brilhadoras
Tem dado à Nação Lusa tanta ideia,
Que por ela já mares senhoreia.

IV

Assim do Sábio Infante, sábio em tudo
Falava Zargo Ilustre; e reanimado
Pelo seu Gesto, eis que ele fica mudo,
Morales aparece ante Ele ousado:
“Senhor, (lhe diz) eu tenho feito estudo
De merecer um dia o teu agrado;
Ah! Presta-me atenção ao que te digo,
Ainda que Espanhol, sou teu Amigo.”

(Vasconcelos, 1806, II, 2-4, p. 30)

Enquanto Zarco prepara João Morales, o João d'Amores da *Insulana*, para o encontro com o Príncipe, a fim de o informarem da história de Anna de Harfet e Machim e da existência da Madeira, o turbilhão de atributos atribuídos ao Infante adensa-se pela admiração que desperta no Capitão e assim se configura a imagem de cientista ponderado e criterioso, sábio e brilhante, não obstante de carácter retraído, a quem o futuro donatário da Madeira se dispõe a solicitar atenção e merecimento. Depois de Zarco escutar a lenda com atenção, diluem-se-lhe as dúvidas quanto à inevitabilidade de tudo dar a conhecer a D. Henrique:

“XC

Justo é, que ao Grande Henrique se dê parte
De quanto como Amigo me tens dito;
O Infante quer por génio, e quer por arte
Fazer soar da Lusa Glória o grito:
Este Herói há-de justo premiar-te,
Há-de ter em te ouvir gosto infinito,
E podes desde já ter a certeza
De que iremos tentar tão alta Empresa.

XCI

Ah! Se eu vejo, ó Morales, realizado
Um sonho, que 'inda há pouco deleitoso
Me teve entre delícias embrenhado,
Dentre os Lusos serei o mais ditoso:
Eu sonhei que, fendendo o mar salgado
Lá no Atlântico pego salitroso,
Grande Ilha descobri gentil e pura,
Coberta de frondosa vestidura.

XCII

Que sonho para mim tão lisonjeiro!
 Parto amável de prenhe Fantasia,
 Ah! Se tu 'inda fosses verdadeiro,
 Quão feliz minha sorte então seria!
 Morales, tu não és já prisioneiro;
 És Vassalo da Lusa Monarquia;
 Sim, vamos procurar o Sábio Henrique,
 Porque mais minha Glória qualifique."

(Vasconcelos, 1806, II, 90-92, pp. 59-60)

Por conseguinte, no fim do Canto II, Zarco faz convergir em si os desígnios que norteiam o Infante, enquanto responsável por um projecto de génio para glorificação do Reino, com a visão que o surpreendera em sonhos, de feliz sucesso na viagem, o que lhe incute o orgulho de ser vassalo de tão ilustre Senhor. Pelo facto, entusiasta, acaba por ajudar a convencer D. Henrique e, assim, ambos acabam por ser recompensados com a Fama e a Glória da imortalidade:

"IV

Vamos, vamos (lhe diz) ao Sábio Henrique
 Informar da Grande Ilha; e que eu pretendo,
 Porque assim minha glória imortal fique,
 Tentar a Descoberta o mar fendendo:
 Que porque o meu valor se justifique,
 Perigos enormíssimos vencendo,
 Me deixe (lhe direi) tentar a Empresa,
 A que me chama Heróica Fortaleza.

V

Saberás que este Herói assiduamente
 Se embrenha em Matemáticos Estudos,
 E que deles traz prenhe a Sábia Mente,
 De que nascem Juízos sempre agudos:
 Ele sabe prezar constantemente
 Engenhos perspicazes e não rudos;
 Uma vez que te veja, e te conheça,
 Verás tua ventura, e bem depressa.

VI

Vais hoje conhecer Quem noite e dia
 Trabalha pela Glória Lusitana,
 Desejando estender a Monarquia
 Ainda além da Terra Tingitana:

Pela sua Imortal Sabedoria
 Que parece exceder a força humana,
 Se tem efeito imortal; ah! Vamos vê-lo,
 A ventura terás de conhecê-lo.

VII

Tu mesmo informarás o Douto Infante
 Da Nova Terra inculca; e destemido,
 Porque lhe dês de amor prova bastante,
 Te oferece a seguir o meu partido:
 Conhecendo teu ânimo possante,
 Teu sublime valor, zelo subido,
 Saberá premiar (como costuma,)
 O Grande Herói tua coragem suma.”

(Vasconcelos, 1806, IV, 4-7, pp. 88-89)

Na sua perspectiva, o Infante D. Henrique, além de sábio e informado, é perspicaz, reconhecendo a oportunidade e a agudeza dos que o rodeiam. É um gênio já com laivos românticos, que cultiva a vigília, solitário e inspirado por uma vontade superior – a de alargar o território –, exercendo um fascínio inusitado com a sua presença e singularidade de carácter. É o “ínlito Infante estudioso”, de “imortal sabedoria”, precursor cartesiano, “matemático famoso”. Como tal, João Morales só teria a ganhar com o relato que deverá apresentar, porque seguramente seria cumulado de todas as graças, por parte do Príncipe. Na audiência que conseguiram, constitui o discurso de Zarco o momento mais estimulante. A sua admirável personalidade traduz-se, então, numa breve peça de sublime oratória, porque o uso da palavra é entendido como o espelho da grandeza do espírito:

“VIII

Assim diria Zargo, enquanto a estrada
 Pisava com Morales animoso,
 Buscando a insigne Vila, que fundada
 Foi pelo Ínlito Infante Estudioso:
 Chegando, enfim, à esplêndida morada
 D’Henrique, Matemático famoso,
 Por ele com carinhos desmedidos
 Foram Zargo e Morales recebidos.

IX

“Excelso Infante, (Zargo principia
 Desta sorte a falar) aqui te trago
 Um Piloto, que tudo o que anuncia

Requer tua atenção, meiguice e afago:
 Não quero prêmio de maior valia;
 Com a vida arriscar me dou por pago,
 Deixa Zargo, que afoito os mares sulca,
 A Terra demandar, que ele te inculca.

X

Mal acaba, Morales animado
 Das vivas expressões, que Zargo anima,
 Beija a destra d'Henrique celebrado,
 A Quem só pule da Virtude a lima:
 Quanto Zargo lhe tinha insinuado
 Ao Santo Infante com facúndia íntima,
 Rogando-lhe que o deixe unido a Zargo
 A terra procurar pelo mar largo.

XI

Quando Henrique a Morales escutava,
 Regia a Noite o taciturno Império
 Das sonolentas Sombras, que espalhava,
 E em que envolvia o lúcido Hemisfério:
 Sobre o seu Carro d'ébano trilhava
 Logo abaixo do Olimpo o espaço aéreo,
 E Cíntia como em lânguidos desmaios
 Apenas espargia frouxos raios."

(Vasconcelos, 1806, IV, 8-11, pp. 90-91)

E depois da saudação inicial, solicita-se a atenção e clemência para que o relato, que deve sobrevir, seja devidamente escutado. Como humilde recompensa, declara-se, em tom gradativo, o pedido de oportunidade para que Zarco possa dar provas da sua entrega total, incluindo a vida, mediante a exposição a riscos necessários, e assim se possa verificar a autenticidade dos factos e a existência da nova terra. Depois de igual vassalagem manifestada por Morales e da disponibilidade para acompanhar o Capitão-de-Mar-e-Guerra, D. Henrique impõe o seu discurso e, de modo assombroso, a sua "régia voz", em tom seguro e varonil, perfeitamente adequada ao perfil de um comandante, concede magnanimamente que a negra escuridão do desconhecido seja profanada e que a notícia do novo achado venha a tornar-se motivo de gáudio e futuras recompensas. E todo este episódio se passa em noite de trevas, que simbolicamente precede a luz da revelação e a alegria do descobrimento.

"XII

Então o Sábio Infante, desatando
Do peito a Régia Voz, diz deste modo:
"É justo, que essa terra demandando,
Da negra escuridão se roube ao lodo:
Vai, Zargo, as ondas do alto mar rasgando,
Essa empresa tentar: se o mundo todo
Pudesses descobrir, com que alegria
Tuas Grandes Acções premiaria!

XIII

Tu és aquele Herói, que hoje mais prezo,
E assaz digno de Acção, que ousado intentas;
Uma façanha tal tem tanto peso,
Que só tu, forte Zargo, é que a sustentas:
Do Pátrio Amor nas chamas sempre aceso
De feitos imortais só te alimentas;
Com Morales após d'ínclita Glória
Vai-te digno fazer d'alta memória.

XIV

Apenas de Titã a precursora,
Os seus áureos cabelos sacudindo,
Vier sobre os jardins da gentil Flora
Cristalinos aljofres espargindo;
Sobre a quilha dos mares cortadora
Vai Zargo as salsas ondas dividindo,
'Té que entre a foz do Tejo, e ali me espere,
Por que os intentos seus melhor prospere.

XV

Beijando a Destra Mão do Augusto Infante
Com as ordens por ele decretadas
Vai Zargo procurar o Pinho undante,
Retrilhando veloz ermas estradas:
'Inda envolvia a Noite vigilante
A terra em vagas sombras desmaiadas,
Quando este Herói, chegando ao lenho leve,
Manda tudo aprestar em tempo breve."

(Vasconcelos, 1806, IV, 12-15, pp. 91-92)

Nessa intervenção, são, pois, os valores do patriotismo a que o Infante apela e enumera, por os reconhecer em Zargo, o que confere ao discurso um pendor pedagógico e formativo, particularmente para as gerações mais

jovens de leitores. O amor à Pátria, que os incendeia e inspira a feitos imortais, dignos de futura memória, constitui um factor determinante para que o Príncipe de Sagres e Lagos encarregue Zarco da empresa. Afinal, ambos revêem-se nos mesmos códigos e actuam em função especular. Só resta confiar para que os seus intentos sejam bafejados pela protecção divina.

"XXV

Do Grande Henrique as ordens recebendo,
Dando animoso a Deus aos seus Amigos,
Navega o claro Zargo, não temendo
Do vário mar os hórridos perigos:
Aos ares Ulisses a voz erguendo
"Ah! Praza aos Céus (dizia) que inimigos
Não encontres os Fados: fresca aragem
Te sobre o pano na feliz viagem."

(Vasconcelos, 1806, VII, 25, p. 173)

O percurso decorre, em termos diegéticos, de modo verdadeiramente concentrado e a um ritmo bastante acelerado – tudo no Canto VII –, zarpan-do os navios de Lisboa e alcançando as ilhas num arco de tempo bastante reduzido. Perante essa circunstância, maior parece ser a razão para se invocar a grandeza de carácter do Príncipe, a sua perspicácia, a generosidade e a virtude manifesta nas atitudes, expressas no modo de recompensar adequadamente os fiéis vassallos.

"LVII

O Grande Henrique, o Infante Virtuoso,
Que se tem feito em tudo memorando,
Também te espera há tempos ansioso,
Premiar teus serviços projectando:
Ah! Vem ó Filho meu, vem Glorioso
As honras dar-te, que em risonho bando
Colhem da Glória nos jardins floridos,
Para ti, Louros, que te são devidos."

(Vasconcelos, 1806, X, 57, p. 250)

Feito o reconhecimento da costa e da ilha, o regresso é abreviado e a entrada no porto de Lisboa constitui um momento apoteótico. A alegoria da cidade sai a receber os nautas, constituindo essa oportunidade um motivo de exaltação da monarquia, do rei e de D. Henrique. Todavia, se é a glória da nação que está em jogo, compreende-se que, no fim, todos os feitos heróicos sejam reconduzidos à figura do velho monarca, que delega no

Infante o poder régio de premiar o herói da acção, em audiência que lhe é concedida.

“LXIII

Henrique, Filho meu, nesse teu rosto
Lendo estou teu Desejo assaz bem justo:
Tu queres ter Glória, ter o Gosto
De premiar a Zargo a todo o custo:
Enfim por breve instante seja posto
Nas Tuas Mãos o meu Poder Augusto;
Elege o prémio, que dar devo a Zargo;
Eu tudo aprovarei, d’ânimo largo.

LXIV

A Ti (que um tão feliz Descobrimento
Despertaste, contando co’ a vitória,
E que trabalhas tanto pelo aumento
Do meu Reino e da Fé) compete a Glória
De premiar o seu merecimento:
Perpetuas assim nossa memória;
Nas mercês, que por ti lhe forem dadas,
Deixas nossas acções perpetuadas.

LXV

A tais vozes o Infante agradecido,
A destra beija ao Pai por tanto indulto,
E voltando-se a Zargo esclarecido,
Assim lhe fala com sereno vulto:
O teu procedimento, que tem sido
Digno de inveja, de respeito e culto
Vai ter o galardão sublime e régio
Que é bem devido a teu valor egrégio.

LXVI

Isto dizendo; deu-lhe o verdadeiro
Pré-excelso esplendor da fidalguia;
Deu-lhe o claro braço d’armas, primeiro,
Que de Câmara o título trazia;
Deu-lhe enfim, por mostrar-se justiceiro,
Do Funchal, a feliz Donataria;
Prémios estes, que o Pai benigno aprova,
Mandando-o povoar a Terra Nova.”

(Vasconcelos, 1806, X, 63-66, pp. 252-253)

O aumento do território e da Fé como valores matriciais da empresa dos descobrimentos, estabelecidos pelo Infante, constituem igualmente a base de suporte para a nobilitação do homem dos novos tempos, pela entrega que implica a uma causa que o transcende. Por isso, Zarco se vê compensado com a distinção da fidalguia, um novo título e brasão de armas, ao mesmo tempo que se torna donatário da Ilha e responsável pelo seu povoamento.

O *Afonso Africano*, de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco⁵, canta a presa de Arzila e Tânger, por D. Afonso V, motivada pelo desejo de vingar a morte dramática em cativeiro do tio, o Infante D. Fernando. No Canto V, no episódio em que D. Duarte tem um sonho e se reconstitui a tentativa fracassada da conquista dessa inexpugnável praça marroquina, evoca-se a figura e a intervenção de D. Henrique, mormente pelo contributo decisivo para a evacuação das forças portuguesas, justificada sobremaneira pela flagrante desvantagem numérica entre as hostes beligerantes perante os reforços muçulmanos entretanto chegados:

"60

Recolhe Anrique os nossos cautamente,
 Por vias de sanguino humor vermelhas,
 De glória cheios, quais do campo sente
 Vir o pastor as grávidas ovelhas:
 Ou quais do pasto de Hybla florescente,
 Se recolhem nos antros as abelhas,
 A fabricar nas bem formadas celas
 Do favo o doce mel, e as ceras belas."

(Castelo Branco, 1611, V, 60, p. 81)

Encerra-se o sonho do rei, desgostoso e contagiado pela peste, com o evaecimento da visão da figura do Infante Santo, que, contínua e amargamente o atormenta. O relato dos acontecimentos focados conclui-se com a reconstituição mais detalhada do episódio e a justificação do fracasso através

⁵ Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco (ou Castelbranco) nasceu em Setúbal, em data incerta, nos finais do século XVI. Formado em ambos os Direitos pela Universidade de Coimbra, exerceu a profissão de advogado durante largos anos. Do culto das Musas, dele se conhecem três poemas épicos, *Discurso sobre a Vida e morte de Santa Isabel* (1597), *Afonso Africano* (1611) e *Triunpho del monarca Philipo tercero en la felicissima entrada en Lisboa* (1619).

Sobre a sua vida e obra, veja-se Silva, Tomo VIII, 1854, pp. 219-312, e Ferro, 2004, pp. 282-284.

das próprias palavras de D. Henrique, para fundamentar politicamente a acção desencadeada:

“63

Já neste tempo longe as trevas deita
A Mãe de Memno, que arma a noite fria,
E já no porto da famosa Seyta
O Infante D. João co' as Naus surgia:
Que a gente que ficou no Reyno feita
Por falta de Navios leva, e guia
E de Anrique do novo mal sentido,
Foi com estas palavras recebido.”

(Castelo Branco, 1611, V, 63, p. 81v)

A autoridade do Infante, já por ser o comandante da expedição ao Norte de África, traduzida na austeridade das palavras seleccionadas para a restituição dos acontecimentos, num discurso extremamente bem elaborado do ponto de vista retórico, ajuda a explicar, de modo lúcido e transparente, as condicionantes que haviam conduzido ao trágico desfecho da tentativa da tomada de Tânger (Castelo Branco, 1611, V, 64-69, pp. 81v-82v). A desilusão sentida, bem como a mágoa que o avassalam, fazem desta peça de oratória um comovente momento do poema. De nada vale o perigo a que a vida de cada um se expõe, se era certo o resultado da derrota. O sacrifício da perda das vidas não se justificaria assim, mesmo depois de se ter desbaratado longamente o inimigo em peleja encarniçada. E apesar de a cidade ter estado quase rendida, foram os reforços do Rei de Fez, como uma vaga poderosa, que vieram inverter o desfecho da expedição. Todo o relato se vê enriquecido poeticamente por um símile sugestivo, que bem traduz o sentir dos soldados naquele infeliz episódio:

“66

Quem viu pequeno Ilhéu no mar profundo,
Que de todas as partes combatido
Das ondas, que c'o vento furibundo
Quebram nas altas praias com bramido,
Que nos eixos gemer parece o Mundo,
Está contudo imoto e não vencido,
Inda que o não divisam navegantes,
Que vão mais alto os Rolos espumantes.”

(Castelo Branco, 1611, V, 66, p. 82)

Por conseguinte, enumera-se então o acordo estipulado para a retirada, que previa a manutenção da praça de Ceuta na posse dos Portugueses, mas

o cativo do Infante D. Fernando, concluindo-se o breve momento de oratória henriquina com o apelo à conquista da cidade, em virtude da quebra do contrato por parte do "pérfido inimigo".

Por sua vez, na *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, de Gabriel Pereira de Castro⁶, a matéria centra-se sobre as origens míticas da capital e recua ao período da presença de Ulisses na Lusitânia, recuperando um antepassado ilustre para a fundação da cidade. Segundo o modelo camoniano, em que uma ninfa expõe, na Ilha dos Amores, a profecia dos futuros feitos dos portugueses no Oriente, de igual modo, no canto VII da *Ulisseia*, a ninfa Legeia reproduz ao som da lira a antevisão ouvida a Proteu sobre as figuras ilustres que fizeram da cidade o centro das viagens da Lusitana Gente que abriria as portas do Oriente. Entre essas figuras ilustres, destaca-se naturalmente o Infante, quer por méritos próprios, quer por a ele se associar a figura do Rei D. Manuel, como o mais fiel continuador da sua obra:

"72

Depois de o Infante Henrique com valente
Coração vencer de África os ardores,
Arguim e as ilhas Garças juntamente
E os da serra Leoa habitadores,
Vencendo de Guinéa o sol ardente
Descobre as grandes ilhas dos Açores
Porque sejam do Império Lusitano
Limite do céu e as ondas do Oceano.

73

Virá o grão Manuel esclarecido,
Que com grossas armadas solicita
Um e outro Neptuno, onde atrevido
O quinto Afonso e grande Henrique imita.

⁶ Gabriel Pereira de Castro nasceu em Braga a 7.2.1571 e formou-se e doutorou-se em Direito Canónico pela Universidade de Coimbra, chegando aí a exercer as funções de Lente. Foi Desembargador da Relação do Porto e da casa da Suplicação de Lisboa, Corregedor do Crime da Corte e Casa, Procurador-Geral das Ordens Militares e Chanceler-Mor do Reino. Autor de tratados de especialidade em latim, da *Monomachia sobre as concórdias que fizeram os Reis com os Prelados de Portugal, nas dúvidas da jurisdição eclesiástica e temporal* (1738), obras poéticas em diversas línguas, ainda inéditas, e a *Ulisseia ou Lisboa Edificada: Poema Heróico* (1636), que cedo conseguiu o mérito de alcançar cinco edições, até às primeiras décadas do século XIX. Faleceu em Lisboa, em 18 de Outubro de 1632. Sobre este autor, veja-se Silva, Tomo IX, 1855, pp. 5-36; Glaser, 1963, pp. 25-75; Glaser, 1976, pp. 159-204; Alves, 1995, col. 1066-1067.

Este, que por valor será temido
 Em quanto um e outro Sol coa luz visita,
 Fará que os Portugueses vão subindo
 Até as fontes beber do Gange e Indo.”

(Castro, 2000, VII, 72-73, pp. 484-485)

De modo algo caótico, de acordo com as conveniências poéticas da construção do verso, traça-se a expansão do Império como resultado das viagens empreendidas sob a tutela do Infante: os Açores, Arguim, as Ilhas Grças, as costas da Serra Leoa e da Guiné... e os limites do sonho apenas são o céu e as ondas do Oceano. Na outra estrofe, D. Manuel, enquanto continuador do espírito que D. Afonso V tinha seguido e D. Henrique tinha lançado, impõe-se como aquele que conclui o ciclo do projecto da Índia e acaba por colher os louros da empresa, que permitiu em simultâneo aos portugueses o domínio dos mares de ambos os hemisférios.

Uma outra epopeia, mais tardia, *Joaneida ou a Liberdade de Portugal defendida pelo Senhor Rei D. João I*, de José Correia de Melo e Brito d'Alvim Pinto⁷, propõe-se cantar a crise de 1383-85 e a subida ao trono de D. João I, aqui apresentado como o defensor da independência nacional, sob a excelsa protecção da Virgem. Logo no Canto I, o Génio Tutelar de Portugal, depois de obter a benevolência divina, desce à terra e assume a forma do eremita Barrocas, sendo, de seguida, recebido por D. João. Incute-lhe, então, confiança na vitória e resolução quanto ao estado em que o Reino se encontra, proferindo a profecia dos esponsais com D. Filipa de Lencastre, a sua ilustre descendência e a conservação do trono nessa linha dinástica pelos séculos dos séculos. Da Ínclita Geração, presta naturalmente alguma atenção, se bem que breve, a D. Henrique:

“LXI.

Nem menos conhecidos nas histórias
 Serão dos quatro irmãos os nomes claros,
 Pedro, João e Henrique nas memórias
 Dos sucessos de Marte mais preclaros,

⁷ José Correia de Melo e Brito d'Alvim Pinto, Fidalgo da Casa Real, nasceu em Coimbra. Foi morgado dos Alpoens, de Coimbra, de Sínde e de Carreira, em Viana. Pertenceu à Academia Litúrgica de Coimbra, assim como, temporariamente, à Academia Real das Ciências de Lisboa. Além de um *Elogio do Sr. Joaquim José Leitão de Sousa* (1761), conhecem-se de sua lavra uma *Dissertação sobre “Se o primeiro bispo de Évora foi S. Mancio?”* e o poema épico intitulado *Joaneida ou a Liberdade de Portugal, defendida pelo sr. rei D. João I* (1782). Desconhecem-se as datas do seu nascimento e morte.

.Sobre a sua poética, veja-se Ferro, 2004, pp. 577-579.

Fernando, se não já nestas vitórias,
 Nos triunfos da Fé não menos raros;
 Pois das breves caducas esperanças
 Há-de formar eternas seguranças."

(Pinto, 1782, I, 61, p. 25)

Deste modo, entre todos os poemas aqui tratados, esta é, porventura, uma das referências mais omissas acerca do Infante, que se compreende pelo facto de se pretender incluir numa sequência breve de estâncias a extensa descendência do monarca, desde a sua prole directa, até aos vindouros dos tempos do autor.

Por conseguinte, o último dos autores que aqui aduzimos teve o mérito de travar uma batalha inglória contra o novo gosto de romantismo e tudo fez para salvar a epopeia do ostracismo a que se encontrava cada mais votada. Perante a afirmação e valorização de outros géneros, como o romance em prosa, o P.^o José Agostinho de Macedo⁸ estabeleceu um verdadeiro programa para recuperar o poema épico. Assumindo-se como o novo Camões da era moderna, propõe-se reescrever *Os Lusíadas*. Remodela-o profundamente de acordo com o corolário iluminista que professa, suprime

⁸ José Agostinho de Macedo nasceu em Beja, em 1761. Professou no Convento de Nossa Senhora da Graça, como Eremita Agostiniano. Todavia, quer por falta de vocação, quer por escândalos sucessivos, em que se verificava a infracção sistemática das regras monásticas, foi-lhe despedido o hábito e expulso da Ordem, quando contava trinta anos de idade. Passou a Presbítero secular, exercendo com sucesso o ministério do púlpito, a ponto de aspirar ao episcopado. Foi Pregador Régio, Censor do Ordinário, Sócio da Arcádia de Roma, membro da Academia das Belas Artes de Lisboa com o nome de Elmiro Tagideo, deputado substituto às Cortes ordinárias de 1822 e Cronista do Reino. Escritor fecundíssimo, de grande erudição e talento, legou uma obra vastíssima distribuída por todas as áreas e géneros: da poesia épica (*O Oriente* (1814), *O Gama* (1811), *A Meditação* (1813), *Newton* (1813), *Viagem extática ao Templo da Sabedoria* (1830), *A Natureza* (1846), *O Novo Argonauta* (1809), *Os Burros* (1812), poema herói-cómico-satírico), à poesia didáctica e lírica, mediante a composição de numerosas odes, elegias, epicédios, epístolas e apólogos; do teatro à eloquência sagrada e profana; da filosofia a escritos políticos; dos estudos filológicos e históricos à crítica moral e literária, muitos deles sob a forma epistolar. Morreu em Pedrouços, em 1831.

Sobre a sua vida e obra, logo começaram a surgir notícias biográficas e, depois, composições mais alargadas. Serão de realçar, Abranches, 1849; Melo, 1854; Torres, 1859; e Mendonça, 1858, pp. 449-677 e 513-540. Ainda a ter em conta outros títulos sobre este autor, como Inocêncio, 1899; Braga, 1900-1901; Coelho, 1911; Valdez, 1922; Chaves, 1932; Olavo, 1938; Sousa, 1939; Silva, 1957; Rocha, 1965, pp. 245-250; Figueiredo, 1967, pp. 11-32; Coelho, 1975, pp. 123-348; Santos, 1985; Pavão, 1988, pp. 37-52; Marques, 1991, pp. 145-161; Castro, 1985; Castro, 1994; Borrallho, 1999, Col. 315-320; e Ferro, 2004, pp. 592-630.

as anacronias existentes, bem como o uso da mitologia, e o resultado é um novo poema, o *Gama*, de 1811. Não satisfeito com o seu labor, corrige e reelabora-o, resultando desse trabalho de filigrana *O Oriente*, de 1814. Por consequência, apresentando-se como o grande épico do seu tempo, a composição destas duas obras bem representa o excelente resultado do labor da oficina da escrita de um poeta, visto que o *Gama* pode ser lido e entendido como uma primeira versão de *O Oriente*, e sendo de notar logo a uma primeira leitura de ambos afinidades tais que impõem ao leitor a abordagem contrastiva dos dois poemas.

Assim sendo, após um episódio de matriz maravilhosa em que a D. Manuel é permitida a visita ao Templo da Memória, e se anuncia prolepticamente o domínio dos Portugueses nas partes do Oriente, a imagem do Infante é uma das que lhe é dado observar e que figuram no panteão dos heróis:

O Gama

“38

Conhece o sábio Henrique, ilustre filho
Do grão libertador da Lusa terra;
Que prosseguindo dos Heróis o trilho,
Deu paz a Portugal, e à Líbia guerra:
Da Lusitana glória aumenta o brilho,
As Ilhas descobriu que o mar encerra,
Devassando o Atlântico profundo,
Mostrando à Europa assombrada um novo Mundo.

39

Não feches os ouvidos aos clamores
Com que do excelso Templo ele te exorta,
As pisadas seguindo a teus Maiores,
Sem susto os campos de Anfitrite corta:
A mais nobres triunfos, e a melhores,
O destino propício eis te abre a porta;
Dilata o nome teu pelo hemisfério,
Funda, maior que Roma, um novo Império.”

(Macedo, 1811, I, 38-39, p. 20)

O Oriente

“40

Conhece o grande Henrique ilustre filho
Do Salvador da Lusitana terra;
Quebra ao mar os grilhões, e adquire um brilho,
Qual conseguiram nunca Heróis em guerra:
Pertinaz prosseguindo o incerto trilho,
Qu'inda entre sombras Natureza encerra,
Mostra aos homens no pélagos profundo,
Que era maior, que se julgava o Mundo.

41

Com seu exemplo aprende, ouve os clamores,
Com que inda desde o túmulo te exorta;
Na empresa mais feliz que tens maiores,
Té agora o mar intacto ovante corta:
Espalma, esquipa os lenhos nadadores,
Vai d'Oriente franquear a porta;
Que até passando a incógnito hemisfério,
Terás em novo Mundo um novo Império.”

(Macedo, 1814, I, 40-41, p. 34)

A adjectivação não oscila, nem varia muito em relação aos poemas antes mencionados. Henrique é sábio ou ilustre, conforme os casos, filho do monarca que preservara a independência do Reino, expandira o terri-

tório para o Norte de África e dera guerra à moirama; por isso, o Infante sulca, depois, os caminhos do mar desconhecido, descobre Ilhas e revela novos mundos. É ele que, a seguir, exorta D. Manuel a preparar a armada para alcançar o Oriente e, desse modo, lançar as bases para a construção de um Império mais vasto que o Romano. Desta maneira, reconfigura-se o sonho camoniano de D. Manuel, moldado de acordo com o gosto da época: ao mesmo tempo que a alegoria da Ásia aparece em vez da dos rios Indo e Ganges e tem lugar a intervenção dos heróis, no Templo da Sabedoria, bem como a do sobrenatural, mediante o contributo do Serafim, a quem cabe a profecia da viagem do Gama e da sujeição dos territórios orientais, verifica-se a deslocação estratégica de toda essa sequência do Canto IV para o I.

Alterada assim toda a ordem da matéria épica contida no poema camoniano, agora de acordo com a disposição linear dos acontecimentos, e revestida de novos ingredientes do plano do maravilhoso, o Infante D. Henrique volta a surgir no Canto VI, que surge por completo remodelado. Enquanto a viagem de Vasco da Gama prossegue em etapas que o leitor reconhece, são as entidades infernais ou alegóricas que se opõem ao sucesso dos nautas. Para salvar os portugueses, D. Henrique ousa solicitar a protecção celeste junto da Divindade, aparecendo, depois, a Vasco da Gama, para o avisar e alertar das ciladas preparadas contra os navegadores.

Gama

"1

Enquanto o Luso fala, eis lá no etéreo
 Dos Sóis acima Elísio luminoso,
 O mais nobre braço do Luso Império
 Ora ante o Sólio Todo Poderoso:
 O justo, o douto Henrique, que o Hemisfério
 Oposto ousou buscar no pego undoso,
 E junto à fonte do poder eterno
 Se opôs às fúrias do soberbo Inferno.

2

Como vira em Sião passada idade,
 Quando o brutal Nicanor mãos ímpias
 Levantou contra a glória, e majestade
 Do santo Templo do Ancião dos dias;
 Que ante o Sólio da eterna Potestade
 A voz queixosa erguera Jeremias,
 E recebeu da mão do Omnipotente
 Armas que entrega ao Macabeu valente:

O Oriente

"1

Enquanto o Luso fala, eis lá no etéreo
 Trono, que é centro a tudo, o glorioso
 Nobre braço do Lusitano Império,
 Que mais o dilatou no pego undoso;
 O que abriu passo a undoso hemisfério,
 Grilhões lançando ao mar tumultuoso;
 D'alma Pátria a favor suplica o Eterno,
 E se opôs todo ao Déspota do Inferno.

2

Assim nos Céus o'terno Jeremias
 Suplice exora a imensa Potestade,
 Quando Lísias cruel com mãos ímpias
 Quis profanar do Templo a Santidade:
 Que então alcança do Ancião dos dias
 Áurea espada, qu'a glória, a liberdade
 Veio dar de Israel à aflita gente,
 Posta nas mãos do Macabeo valente.

3

Tal fervoroso Henrique vendo agora
 Que a escolha, a flor do povo Lusitano
 Nas mãos da infernal chusma enganadora
 Ia os golpes sentir de imenso dano;
 E que a undívaga armada vencedora
 Quase de todo o tímido Oceano,
 Tão perto já dos climas que buscava,
 Tanto afã, tantas lidas malograva."

(Macedo, 1811, VI, 1-3, pp. 119-120)

3

Tal fervoroso Henrique, atento agora
 Desde o estelante assento ao Lusitano,
 Viu, que do monstro, que o rancor devora,
 Ia a sentir irreparável dano;
 E qu'a undívaga Armada vencedora
 Das ondas, e escarcéus do imenso Oceano,
 Sem ver o fim do heróico desejo,
 Era roubada para sempre ao Tejo."

(Macedo, 1814, VI, 1-3, pp. 164-165)

O Infante surge comparado a Jeremias, no plano dos eleitos, e por conseguinte, não desmerecendo o adjectivo de "Santo", que lhe vinha sendo atribuído já em poemas anteriormente analisados. Partilha da comunhão dos bem-aventurados no Paraíso e obtém os favores divinos. Por isso, aparece em sonhos ao navegador, admoesta-o a prosseguir pela rota correcta, elevando-o no espaço para mais facilmente lhe revelar o caminho e fazer-lhe a profecia das grandes descobertas, ainda por realizar no futuro, como a do Brasil ou da América, por Cabral e Colombo, entre outras mais. A par do que antes acontecera com D. Manuel, guia-o também pelo Templo da Eternidade, no *Gama*, da Glória, n' *O Oriente*, onde lhe permite contemplar a representação dos grandes heróis do passado e do presente, e onde se depara com o simulacro do próprio Infante:

Gama

"71

Com modesto silêncio se esquecia
 O Herói da Estátua, que a par desta estava,
 Mais clara luz nenhuma difundia,
 De mais louros nenhuma se enastrava:
 A vista atenta, e clara aos Céus erguia,
 Aos pés a Esfera a Henrique apregoava,
 Que abriu a Lusitânia, à Europa, ao Mundo
 Novos caminhos pelo mar profundo."

(Macedo, 1811, VI, 71, p. 142)

O Oriente

"76

Grande até no silêncio, ia passando
 A estátua Henrique, que brilhando estava,
 E uma luz fulgentíssima espalhando,
 Dum louro mais distinto a fronte ornava:
 Os olhos para o Céu suspenso alçando,
 Sobre armilar esfera a mãos pousava;
 Como em acção de quem dos Céus descia
 Dava Henrique o compasso a Astronomia."

77

Na base a imagem tem do ignoto Mundo,
 Que as recatadas portas lhe franqueia,
 E dum assombro extático e profundo
 Doutro lado se via a Europa cheia:
 Numa figura o pélagó iracundo
 Seus mais escuros seios patenteia

Aos pés do grande Herói; e o Globo mudo
Diz no silêncio, que lhe deve tudo.

78

À luz celestial mais larga estrada
Abriu na terra o portentoso Infante;
E a bandeira da Fé foi levantada
Na mais remota plaga, e mais distante:
Não houve Nação bárbara, ignorada,
Onde não penetrasse a luz brilhante
Do Comércio, das Artes, da Ciência,
Que apura, e mais exalta a humana essência."

(Macedo, 1814, VI, 76-78, pp. 189-190)

Alarga-se o autor, n' *O Oriente*, na descrição da estátua do Infante, cheia de elementos alegóricos, que simbolizam o conhecimento e domínio do Globo terrestre ao serviço da Fé, para o fomento do Comércio, das Artes e da Ciência, em suma, para proveito do género humano. E, de seguida, propõe-se ainda continuar com a apresentação dos pedestais reservados aos navegadores e heróis que, num futuro não muito distante, iriam ser merecedores de tamanha honra. Mas o amanhecer desperta Vasco da Gama, pondo termo ao sonho e fazendo desaparecer a celestial visão do Infante.

Gama

"75

Qual pela estiva noite a luminosa,
Ligeira exalação, que os ares fende,
Que subitânea chama pressurosa,
Fugitivo listão no espaço estende:
Que à transportada vista curiosa
A luz se apaga, quando a luz se acende:
Tal a visão celeste se obscurece,
E envolta em densos véus desaparece."

(Macedo, 1811, VI, 75, p. 144)

O Oriente

"94

De todo emudeceu... Qual luminosa
Ligeira exalação, que os ares fende,
Que subitânea chama pressurosa,
Fugitivo listão no espaço estende:
E na vasta extensão caliginosa
Num momento se apaga e noutro acende;
Tal a visão celestial fenece,
Quando o sono do Herói se desvanece."

(Macedo, 1814, VI, 94, p. 195)

Nesta ordem dos acontecimentos, superado o Adamastor, os navegadores seguem a costa oriental africana. Reproduz-se o discurso ao Rei de Melinde, que, emocionado recompensa os Portugueses com um piloto que os conduz à Índia. Quando cai a noite, em novo sonho a Vasco da Gama, uma vez mais a figura do Infante aparece, que, no papel de mediador divino, vem anunciar a chegada e mais feitos futuros da Lusitana Gente na Índia.

Gama

"55

Eis que um clarão de luminosa chama
 Aos vigilantes olhos se oferece;
 Tantas centelhas fúlgidas derrama,
 Que mais que o dia a noite resplandece:
 Sai da luz uma voz, que brada e clama,
 E logo ao forte Capitão parece
 Que o protector Infante divisava,
 Que de novo outra vez dos Céus baixava."

(Macedo, 1811, VIII, 55, p. 196)

O Oriente

"60

Eis o desperta repentina chama,
 Qu'a grão distância os ares esclarece:
 E tantos raios fúlgidos derrama,
 Qu'um mais brilhante Sol nascer parece;
 Do centro do clarão, que arde, esse inflama,
 Ao valente Argonauta se oferece
 Do grande Henrique a imagem, que baixava
 Dos Céus, inda outra vez, e assim bradava."

(Macedo, 1814, VIII, 60, p. 251)

A elevação do Infante ao plano dos Eleitos havia-se consumado. Mais do que um herói, Henrique torna-se um espírito celeste nestes dois poemas. Na restante parte da narração, José Agostinho de Macedo não se afasta muito do modelo camoniano. Por mais dificuldades e obstáculos que surjam aos nautas lusos, o papel de entidade protectora preenchida pelo Infante de Sagres deixa de ser necessária e a sua função de adjuvante na estrutura diegética torna-se dispensável. Por isso, dissipam-se as alusões a este Príncipe de Avis.

Em suma, o balanço que se pode tirar da análise da representação do retrato de Henrique, o Navegador, nas epopeias barrocas e neoclássicas, é que essa imagem se foi transfigurando gradualmente, acompanhando o respectivo processo de mitificação. Se inicialmente, os feitos praticados por sua iniciativa ainda revertiam a favor da causa do Reino, representada na figura central do monarca, D. João I, verifica-se que, nas epopeias da primeira fase do Barroco, a adjectivação usada passa a conferir-lhe um estatuto de excepção, pela sabedoria, coragem e ousadia que ostenta, quer na sua faceta cavaleiresca, quer na de dinamizador da empresa dos descobrimentos marítimos. Muito embora a autoridade real ainda se faça sentir, o certo é que a sua autonomia de acção também é reconhecida e daí a atenção que lhe é dispensada, mesmo quando o herói principal do poema é outro, como no caso da *Insulana*. Com o passar do tempo, e nos poemas heróicos de marca neoclássica, o culto da personalidade do Infante atinge o expoente máximo, porventura devido à conta em que o Iluminismo tem as ciências, e D. Henrique é apreciado como excelente geógrafo e matemático, aliás como se verifica na *Zargueida*. Quando nos deparamos com poemas de inícios do século XIX, então a mitificação do Infante está consolidada: é o herói isolado, que cultiva a vigília nocturna e, nesses momentos, busca um conhecimento mais profundo do universo, numa caracterização de matriz

quase romântica. As obras de José Agostinho de Macedo, mais do que reelaborações d' *Os Lusíadas*, representam, por sua vez, a transformação da figura do Infante de Sagres numa entidade espiritual, mentora e protectora dos desígnios da Nação, com traços de uma nova categoria de *numina* tutelares da Pátria. Enfim, Henrique, o Navegador, tinha finalmente feito o seu ingresso no panteão dos heróis celestes...

Bibliografia

1. Obras referenciadas

- ACENHEIRO, Cristóvão Rodrigues, *Crónicas dos Senhores Reis de Portugal*, Tomo V, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1925.
- BARROS, João de e COUTO, Diogo do, *Da Ásia: Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, 24 vols., Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973-1974.
- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*. Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1972 (Reeditado em 1989 sob os auspícios do ICALP, com nota de apresentação de Aníbal Pinto de Castro).
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 2 vols., Porto, Lello e Irmão, 1981.
- CASTELO BRANCO, Vasco Mouzinho de Quevedo, *Afonso Africano*, Lisboa, Por António Alvares, 1611.
- CASTILHO, António de, *Chronica delRej Dom Joam III de Portugal*, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pp. 317-403.
- CASTRO, Gabriel Pereira de, *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000 (1.ª ed.: 1636).
- CORREIA, Gaspar, *Crónicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, Lisboa, Academia das Ciências, 1992.
- GALVÃO, António, *Tratado dos Descobrimentos*, Lisboa, Alfa, 1989.
- GÓIS, Damião de, "Descrição de Espanha" e "A fé, a religião e os costumes da Etiópia", in *Opúsculos Históricas*, Porto, Civilização, 1945, pp. 91-202.
- GÓIS, Damião de, *Crónica do Felicíssimo Rey D. Manuel*, 4 vols., Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1949-1955.
- LOPES, Fernão, *Crónica de D. João I*, vol. 1 e 2, Porto, Civilização, 1990 e 1994.
- LUSITANO, Cândido, *Vida do Infante D. Henrique*, Lisboa, Na Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1758.
- MACEDO, P.º José Agostinho de, *Gama*, Lisboa, Na Imprensa Régia, 1811.
- MACEDO, P.º José Agostinho de, *O Oriente*, Lisboa, Na Imprensa Régia, 1814.

- MARIZ, Pedro de, *Diálogos de Vária História*, 2 vols., Lisboa, Na oficina de Manuel da Sylva, 1749.
- MELO, D. Francisco Manuel de, *Epanáforas de Vária História*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977.
- OSÓRIO, D. Jerónimo, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, 2 vols., Porto, Civilização, 1945.
- PEREIRA, Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- PINA, Rui de, *Crónica de D. João II*, Lisboa, Alfa, 1989.
- PINTO, José Correia de Melo e Brito d'Alvim, *Joaneida ou a Liberdade de Portugal defendida pelo Senhor Rei D. João I*, Coimbra, na Real Officina da Universidade, 1782.
- RESENDE, Garcia de, *Crónica de D. João II; e miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.
- SILVA, José Soares da, *Memorias para a Historia de Portugal que compreendem o governo del Rey D. Joaõ I do anno de mil e trezentos e oitenta e tres, até o anno de mil e quatrocentos e trinta e tres*, 4 vols., Lisboa Occidental, Na Oficina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1730-1734.
- SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, 10 vols., Coimbra, Atlântida-Livraria Editora, 1946-1953.
- SOUSA, Frei Luís de, *História de S. Domingos da Província de Portugal*, 2 vols., Porto, Lello e Irmão, 1977.
- SOUSA, Manuel de Faria e, *Europa Portuguesa*, Porto, Civilização, 1945.
- TOMAZ, Manuel, *Insulana*, Amberes (Anvers), por Ioam Meursio, 1635.
- VASCONCELOS, Francisco de Paula Medina e, *Zargueida, Descobrimento da Ilha da Madeira*, Lisboa, Na Of. de Simão Tadeu Ferreira, 1806.
- ZURARA, Gomes Eanes de, *Crónica de Guiné*, Porto, Civilização, 1994.

2. Estudos

- ABRANCHES, António Manuel do Rego, *Catálogo alfabético das obras impressas de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, 1849.
- ALVES, Maria Theresa Abelha Alves, "Castro, Gabriel Pereira de", in *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Verbo, 1995, col. 1066-1067.
- AZEVEDO, Álvaro de, *A Madeira*, Funchal, Typ. da Madeira, 1857.
- BORRALHO, Maria Luísa Malato, "Macedo, José Agostinho de", in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 3, Lisboa, Verbo, 1999, cols. 315-320.
- BRAGA Teófilo (Pref.), *Obras inéditas de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, 1900-1901.
- CASTRO, M. Ivone C. de Ornelas, "José Agostinho de Macedo, um arauto da contra-revolução", in *Jornal de Letras*, n.º 178, 1985.
- CASTRO, M. Ivone C. de Ornelas, *José Agostinho de Macedo e a Ideologia da Contra-Revolução*, Lisboa, Universidade Nova, 1994.

- CHAVES, Castelo Branco, *Estudos Críticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.
- COELHO, José Ramos, *Camões e Macedo*, Lisboa, Academia das Ciências de Portugal, 1911.
- COELHO, Odette Penha, "As Ideias estético-literárias de José Agostinho de Macedo", in *Revista de História de Portugal*, vol. 4, Coimbra, 1975, pp. 123-348.
- FERRO, Manuel, *A Recepção de Torquato Tasso na Épica Portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade, 2004.
- FIGUEIREDO, Tomás de, "José Agostinho de Macedo contra a Besta", in ANSELMO, Artur (Org.), *As Grandes Polémicas Portuguesas*, vol. II, Lisboa, Verbo, 1967, pp. 11-32.
- GLASER, Edward, "The Odyssean Adventures in Gabriel Pereira de Castro' Ulyssea", in *Bulletin des Études Portugaises*, T. 24, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português, 1963, pp. 25-75.
- GLASER, Edward, *Portuguese Studies*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1976, pp. 159-204.
- INOCÊNCIO, *Memórias para a Vida Íntima de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Typ. da Academia Real das Ciências, 1899.
- MELO, Joaquim Lopes Carreira de, *Biographia do P.^e José Agostinho de Macedo*, Porto, Typ. de Francisco Pereira d' Azevedo, 1854.
- MENDONÇA, António Pedro Lopes de, *José Agostinho de Macedo e a sua Época*, in *Anais das Ciências e das Letras da Academia Real das Ciências de Lisboa*, 2.^a Classe, vol. II, 1858, pp. 449-677 e 513-540.
- OLAVO, Carlos, *A vida turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Guimarães & C.^a, 1938.
- PAVÃO, J. Almeida, "O discurso épico em Camões e em José Agostinho de Macedo", in *Colagem de Tempos*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1988, pp. 37-52.
- Revista de Ciências Históricas. Vol. IX: Actas do Congresso "A Geração de Avis na Historiografia – Séculos XV-XX". Porto, 6.^o Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique. 3, 4 e 5 de Março de 1994*, Porto, Universidade Portucalense, 1994.
- SANTOS, Guilherme G. O., *Camilo Castelo Branco e José Agostinho de Macedo*, Lisboa, G. G. O. Santos/Liv. Portugal, 1985.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, "A 'História' da História do Infante D. Henrique", in *Revista de Ciências Históricas*, vol. IX, Porto, Universidade Portucalense, 1994, pp. 31-42.
- SILVA, Lúcio Craveiro da, *José Agostinho de Macedo, a sua "Tentativa Filosófica" e a "Demonstração da existência de Deus"*, Coimbra, 1957.
- SILVA, José Maria da Costa e, *Ensaio Biographico-Critico sobre os Melhores Poetas Portuguezes*, 10 vols., Lisboa, na Imprensa Silviana, 1850-1855.
- SOUSA, J. F., "Uma figura singular...", in *Bazar das Letras, das Ciências, das Artes*, supl. lit. de *A Voz*, n.º 4356, Lisboa, 1939.
- TORRES, M. J. Marques, *Vida de José Agostinho de Macedo*, Lisboa, 1859.
- VALDEZ, Rui D. T, *A figura do Padre José Agostinho de Macedo*, Lisboa, 1922.

Separata de

A Herança do Infante, coordenação de
Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira e Costa
Lisboa, C. M. Lagos, CEPCEP, CHAM, 2011